

NELSON LUIZ
DE CARVALHO

O TERCEIRO TRAVESSEIRO

Edição
especial
com novos
capítulos



**NELSON LUIZ
DE CARVALHO**

**O TERCEIRO
TRAVESSEIRO**

Edição
especial
com novos
capítulos



Copyright © Nelson Luiz de Carvalho, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 1998.

Revisão: Yonghui Qio e Gleice Couto

Projeto gráfico: Renata Zucchini

Diagramação: Renata Zucchini e Vivian Oliveira

Capa: Fabio Oliveira

Imagem de capa: GeorgeRudy / iStock Photo

Ilustração de miolo: Bruno Rayan

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carvalho, Nelson Luiz de
O terceiro travesseiro / Nelson Luiz de Carvalho. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2026
256 p.

ISBN: 978-85-422-4184-6


1. Ficção brasileira I. Título

26-1102

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

 Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Capítulo 1

Agora, andando por esta rua, não consigo deixar de avaliar e refletir sobre tudo aquilo que se passou. Tantos problemas, tanta confusão, muitas mágoas e pra quê? Tenho a impressão de que, se eu tivesse agido diferente, evitado discussões e desgastes desnecessários, o resultado teria sido outro.

A vida é muito estranha e é uma pena que o vigor físico não seja acompanhado pelo raciocínio lógico da experiência; corpo e mente têm pontos de partida diferentes.

— Cara, onde é que você está?

— Estou aqui.

— Eu sei que está aí. Estou dizendo para prestar atenção, vou começar a ler o texto.

Estou aqui, tentando estudar para a prova de português, mas não consigo prestar atenção na matéria. O que será que está errado? Será que tenho algum problema? Não é possível. Já sou um cara adulto, tenho dezesseis anos e sou normal. De qualquer forma, estes pensamentos são meus, gosto de tê-los e ninguém nunca vai saber.

É difícil prestar atenção com estes pensamentos. Eu acho o Renato um cara bonito. O que mais me atrai nele talvez seja o fato de ele ter mais pelos do que eu.

Outro dia no ginásio, após o futebol, ficamos todos sentados na quadra descansando um pouco. Fazíamos isso com frequência, até que um dia percebi que não conseguia deixar de olhar para as pernas dele. Acho que foi aí que comecei a disfarçar uma série de coisas na vida.

Capítulo 2

Sentado no chão, com os joelhos dobrados, de short, meias e tênis, com os pelos cobrindo dos tornozelos até as coxas, Renato me fazia sentir algo muito estranho. Uma sensação que não sei explicar, muito boa, mas ao mesmo tempo muito assustadora. Eu não posso ser isso que estou pensando, nem em pensamento consigo dizer essa palavra. Aliás, acho que tudo isso é normal.

Nesse momento, as palavras dele me voltaram à cabeça:

— Tudo ok. Já estamos prontos para a prova de português na segunda-feira. Mudando de assunto, vamos à festa da Cláudia no sábado? Vai ter muita mulher e a gente pode até descolar alguma coisa.

— Fechado, Renato, passo aqui às nove da noite.

— Valeu, cara. Tchau.

Certa vez, numa roda de amigos, alguém disse que na Bíblia está escrito que Deus condena relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. Acho tudo isso muito estranho, pois também disseram que os anjos não têm sexo. No fundo, essas leis que condenam tudo isso são de Deus ou do homem? Às vezes fico pensando que todo mundo deve sentir alguma coisa.

Entreí em casa e fui direto para o banheiro; então ouvi minha mãe:

— É você, Marcus?

— Sou eu, mãe.

— Vê se não se atrasa, a toalha já está no banheiro.

— Não vou me atrasar.

Eu não podia me atrasar, pois havia prometido à minha mãe que a levaria à festa de aniversário da Lídia.

Lídia era a sua melhor amiga, e a festa seria no salão do Lions Club, onde todas elas participavam de eventos. Meu pai

sempre acompanhava minha mãe em qualquer ocasião, menos em recepções no salão do Lions. Ele achava tudo muito chato.

— Marcus, não demora, não podemos nos atrasar. Sua roupa já está separada na cama.

— Mãe, mais cinco minutos e estou fechando o chuveiro.

Aliás, é no chuveiro onde eu me sinto mais à vontade. Lá eu posso pensar nas pessoas que eu gosto, imaginando diversas situações, e tudo isso acompanhado de uma bela punheta. No banheiro, que é o meu lugar sagrado, só tenho que tomar cuidado para não esquecer de trancar a porta com a chave, e de não deixar cair porra no chão.

— Marcus?

— Já estou fechando o chuveiro.

Chegamos ao salão e a Lídia já nos esperava na porta.

— Ana, Marcus, ainda bem que vieram. E o Giorgio, por que não veio?

— Você sabe, Lídia, do jeito que ele trabalha naquela editora, ele não tem vontade de sair à noite, principalmente às sextas-feiras.

— Marcus, fique à vontade, vou roubar a sua mãe por alguns minutos.

— Marcus?

Quando olhei para trás, era Beatriz, uma antiga namorada do Renato.

— Oi, Beatriz.

— Você está sozinho?

— Estou com a minha mãe. Eu vim apenas acompanhá-la.

— O Renato veio com vocês?

— Não, na verdade eu nem o convidei. Eu só vim pela minha mãe.

— Amanhã, na casa da Cláudia, vai ser superlegal. Vocês vão?

— Com certeza, já combinei com o Renato.

— Marcus, o que acha de amanhã esticarmos a noite após a festa da Cláudia? A Sônia vai estar comigo. Você não a conhece, mas ela é uma gatinha. Eu ficaria com o Renato e você com a Sônia. O que acha?

— Por mim, tudo bem. Quanto ao Renato, vai depender...

Beatriz nem deixou eu terminar de falar e afirmou pelo Renato que, por ele, com certeza, estaria tudo bem.

Acho essa menina muito arrogante. Como ela pode saber se o Renato está a fim ou não? Eu tenho vontade de mandá-la à merda, e, antes que isso aconteça, é melhor eu me mandar.

— Beatriz, eu vou até o... Já volto.

— Tá legal, gatinho.

Droga de banheiro que não tem toalhas de papel. Droga de festa, droga de vida, droga de tudo.

Às vezes eu sinto uma vontade enorme de dizer o que penso, o que quero. Você quer ficar com a Sônia? Claro que quero... Eu me sinto um grande imbecil. O que eu gostaria mesmo é de levar uma vida normal, sem mentiras, estando com a pessoa que gosto e podendo mostrar para os outros o que sinto.

Quando voltei para o salão, Beatriz estava conversando com um casal. Aproveitei para ficar de longe, apenas para observar as pessoas. Todo mundo legal, feliz e só eu com problemas? Isso não parece justo.

— O senhor quer uma batida?

Quando o garçom veio oferecer a batida, ao me virar, quase levo a bandeja ao chão. Eu preciso me controlar mais e sair menos de sintonia.

Disse ao garçom “o Senhor está no céu!” e perguntei a ele que sabores tinha.

Ele respondeu:

— Desculpe pelo senhor. Temos de abacaxi, amendoim e coco.

— Quero de abacaxi, obrigado.

Eu acho que estou ficando louco, o garçom me chamando de senhor, e eu achando o cara uma gracinha. Ele deve ter

uns vinte anos mais ou menos, cabelos pretos e curtos e uma carinha de menino. Na cama, deve ser muito gostoso.

A vontade que tenho é de bater uma punheta pra ele. Deve ser muito bom estar com um cara na cama, já há dois anos venho imaginando situações assim. Nunca tive intimidade com nenhum cara, só na imaginação e na punheta.

Mais ou menos no terceiro gole da minha batida, percebi que o garçom lançava olhares estranhos para mim. Fiquei muito nervoso e mal conseguia segurar o copo na mão. O suor corria pelo meu rosto, então larguei o copo e resolvi voltar ao banheiro. Suspirei de alívio ao encostar na pia, mas, para minha surpresa, pelo espelho, vejo-o novamente me olhando.

— Algum problema com a batida?

— Não. Por quê?

— É que você, depois de alguns goles, veio correndo para o banheiro.

— Não é nada, você não precisa se preocupar. A batida estava muito boa.

Tentando acabar a conversa ali mesmo, comecei a lavar o rosto, mas ele continuou a falar:

— Desculpe se eu pareço intrometido, mas é que imaginei que você não estava passando bem, e por isso vim até aqui.

— Droga!

Assustado com a minha exclamação, ele perguntou:

— Eu falei alguma coisa que não devia? Se falei...

— Não, não é com você. É que não tem toalhas de papel para enxugar as mãos.

Aliviado, ele disse:

— O faxineiro deve ter esquecido. Eu vou buscar para você.

Enquanto esperava ele voltar com as toalhas, fiquei pensando no que estava acontecendo e cheguei à conclusão de que aquele cara só podia estar me cantando, principalmente pela forma como me olhava.

Não demorou muito e ele voltou.

— Aqui estão elas.

Ainda enxugava as mãos quando ele disse:

— Posso perguntar seu nome?

Respondi que era Marcus, e nem precisei perguntar o nome dele, pois, esticando a mão para me cumprimentar, ele falou:

— Meu é José Carlos.

Ele tinha a mão pesada, áspera, como se tivesse trabalhado com enxada, mas mesmo assim era muito bonito, e me olhava tão fundo nos olhos que me deixava completamente despido.

Nesse momento, um outro garçom entrou no banheiro.

— Você está aí, José? O chefe está te procurando.

— Diz a ele que já estou indo.

Percebi que ele ficou meio sem graça.

— Eu preciso voltar ao salão, Marcus, ou posso perder o emprego logo no primeiro mês.

O que eu achava estranho na atitude do José Carlos é que ele falava de um jeito, como se eu o estivesse segurando no banheiro.

Agradei a ele pelas toalhas e, quando estávamos saindo do banheiro, ele falou:

— Depois da festa, se estiver a fim de levar um papo, eu deixo o serviço às vinte e duas horas, ok?

Não respondi nada a ele. E voltei para o salão, com raiva de mim mesmo por não ter dado a abertura que o José Carlos queria.

Na verdade, nós dois queríamos a mesma coisa, mas eu não tive a coragem necessária para ir adiante.

No sábado, cheguei à casa do Renato às dez horas da noite. Ele sabe que eu sempre atraso. Toquei a campainha e já estava com a resposta na ponta da língua: diria que uma hora de atraso não era nada. Mas, para minha surpresa, ele atendeu à porta normalmente.

— Não vai reclamar?
— Não, pois não poderemos ir. O Carlos deu para trás.
Não vai poder emprestar o carro.

— Mas seu irmão não disse que iria emprestar?
— Disse, mas ele vai levar a Lúcia ao teatro, e depois vão jantar.

— Renato, então vamos de táxi?
— De táxi? Você está louco! Se arrumarmos um programa, como vamos sair?

— É verdade, você tem razão. E seu pai não empresta o dele?

— Eles também saíram, foram a uma churrascaria com um casal de amigos e irão demorar a voltar.

No fundo, eu estava adorando aquilo. A vontade que tinha era de lhe dizer para ficarmos ali mesmo, só nós dois, numa boa.

Eu ainda imaginava só nós dois juntos quando ele falou:

— Já sei, Marcus. Vamos até uma danceteria?

— Danceteria?

— É, a gente pode curtir o lugar numa boa, dançar bastante e ainda podemos arrumar duas garotas que estejam de carro. O que acha? Vamos?

Meio desanimado, respondi que sim, e então ele perguntou:

— Você não gostou da minha ideia?

— Gostei, Renato.

Não convencido da minha resposta, e achando que eu ainda preferia ir à festa da Cláudia, ele falou:

— Escreve o que eu estou falando Marcus: se formos sem carro na festa da Cláudia, nós vamos ficar na mão.

Concordei com ele e resolvi não contar nada sobre a conversa que tive com Beatriz na festa da Lídia. Afinal de contas, aquela garota era muito arrogante.

— Marcus, fica ouvindo um som enquanto vou tomar um banho. Aliás, se quiser beber, tem uísque e gelo no barzinho. Meu pai abriu um Chivas para os amigos antes de sair.

Peguei o Chivas, coloquei uma dose dupla com gelo, dei alguns goles seguidos e liguei o som, que já estava carregado com um CD. Quando dei o play, começou tocar “The Great Pretender”. Fiquei curtindo a música e imaginando como seria estar tomando banho com Renato. O barulho da água do chuveiro, a música, o uísque e a minha imaginação me deixaram excitado.

Confesso que, pela primeira vez, não pensei muito e fui até o banheiro. Renato não estava lá, ele já tinha ido para o quarto.

Voltei para a sala, coloquei mais uísque no copo e fui direto para o quarto dele. Fiquei parado na porta, só observando aquele corpo maravilhoso. Ele estava apenas com uma toalha na cintura, procurando roupa na cômoda, quando falei:

— Você quer um pouco de uísque?

— Eu nem te vi entrar, Marcus. Quero um gole, sim.

Ele ainda nem tinha levado o copo à boca quando eu disse:

— Você é um cara muito bonito, Renato.

Sem levar as minhas palavras a sério, ele falou:

— Você acha mesmo, Marcus?

Sorri e perguntei a ele:

— Você me daria um beijo?

— Se você perguntar de novo, eu prometo pensar no assunto.

Renato só percebeu que não era brincadeira quando me aproximei dele e, com a minha mão direita, comecei a alisar suavemente seu peito.

Visivelmente abalado, ele falou:

— O que está fazendo, Marcus? Você está louco?

— Completamente.

Para minha surpresa, ele não falou mais nada e, de olhos fechados, deixou que eu prosseguisse com o meu sonho.

Que sensação incrível eu estava sentindo!

Me aproximei ainda mais dele e comecei a dar beijos muito curtos e suaves em seu peito. Que tesão!

Minha boca mal encostava na sua pele. Acho até que ele sentia mais o calor da minha respiração sobre seus pelos do que o toque da minha boca.

Esse foi um dos melhores momentos da minha vida, tudo parecia mágico.

Fiz ele deitar no chão do quarto e beijei cada parte do seu corpo, a começar pelos pés, que sempre me deram muito, mas muito tesão.

Por vezes, eu não acreditava no que estava acontecendo, apesar do Renato continuar imóvel e de olhos fechados. Eu tinha todo aquele corpo só para mim. Era tanta coisa a fazer, tantos desejos acumulados nos últimos dois anos, que em alguns momentos eu me perdia.

Fiz ele ficar de bruços. Que bundinha. Comecei então a massageá-la suavemente, para só depois beijá-la de todos os jeitos que meu tesão pedia.

Novamente comecei a correr com a boca pelo seu corpo, deixando saliva em cada pedacinho daquele território que, naquele momento, era só meu.

Eu lambia suas coxas quando, num movimento brusco, ele me puxou e enfiou o seu pinto na minha boca. O gozo foi quase imediato. E, pela primeira vez, eu sentia o que tantas vezes havia imaginado: o Renato esportando na minha boca.

Eu não sei se o desejo faz com que as coisas se tornem atraentes, mas sei que gostei muito de sentir aquele líquido quente e meio salgado escorrendo pela minha garganta.

Eu tinha vontade de fazer mais um milhão de coisas, mas percebi que ele estava sem graça, pois, após gozar, se virou de bruços e lá ficou com a cabeça escondida entre os braços, como se estivesse se protegendo daquela situação.

Na verdade, ele não estava preparado para encarar tudo aquilo que havia rolado entre nós. Respeitando sua atitude, resolvi ir embora.

Saí da casa dele me sentindo o homem mais feliz do mundo!

Cheguei em casa tão contente comigo mesmo que o sorriso já era uma expressão permanente no meu rosto. Abri a porta e de lá mesmo cumprimentei meus pais, que estavam na sala. Minha mãe logo percebeu que eu estava diferente e perguntou:

— Você está bem, filho?

— Estou ótimo, mãe. Se melhorar, estraga.

Foi tão positiva a minha resposta que meu pai falou:

— O que aconteceu de tão especial nesta noite, Marcus?

— Nada, pai. É que hoje estou me sentindo muito bem.

Sorrindo, ele olhou para minha mãe e me perguntou:

— Qual o nome dela, filho?

Por Deus, que eu quase disse Renato, mas me contive e perguntei a ele:

— O nome dela, pai?

— É, o nome dela.

— Eu não sei, pai.

— Como não sabe?

— Eu esqueci de perguntar.

Meu pai caiu na risada, enquanto minha mãe inutilmente tentava explicar a ele que a juventude de hoje era assim mesmo.

Minha mãe é superlegal, mas, quando começa a querer explicar o comportamento da juventude de hoje, onde ela se acha “expert”, sai de baixo, porque no mínimo são duas horas de conversa.

Dei boa noite a eles e fui direto para o meu quarto. Liguei o som, me joguei na cama e fiquei à meia-luz, sonhando com uma realidade que já fazia parte da minha vida.

Agradei a Deus pela oportunidade que a vida me dera de poder ter estado tão intimamente com o cara que eu amava mais do que tudo nesta vida.

Ainda me sentia superexcitado só de lembrar no que tinha rolado entre nós. E por diversas vezes cheguei a pegar o telefone e discar para ele. Mas, na hora H, faltou coragem.

Com certeza Renato havia gostado do que acontecera entre a gente. Caso contrário, não teria deixado rolar tudo aquilo. Mas daí a saber lidar com tudo isso, é outra história.

É interessante como as pessoas fazem juízo errado de caras como eu. Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de dar e gosta de qualquer homem e isso, pelo menos para mim, não é verdade.

Adormeci pensando nele.



Planeta